

25 DE NOVEMBRO DE 2021

A quarta onda da Covid-19

Por André Moreira Cunha e Andrés Ferrari, professores do Departamento de Economia e Relações Internacionais da UFRGS

“Nós estamos cansados de enfrentar a doença e a estupidez”, Oleksandr Molchanov, médico croata, novembro de 2021.

“O homem é um animal racional. Pelo menos é o que os disseram. Ao longo da minha longa vida, eu tenho procurado, diligentemente, evidências que consubstanciem aquela afirmação. Até agora, eu não tive a sorte de encontrá-las.” Bertrand Russell, Unpopular Essays, 1950.

O inverno está chegando...

Às vésperas de um novo inverno, **a Europa se tornou o epicentro** da quarta onda da Covid-19. **Vários países já adotam medidas mais restritivas para tentar conter a alta nas contaminações e nas mortes**, particularmente *lockdowns* e o passaporte vacinal. Ademais, já anunciaram a necessidade de uma terceira dose de reforço na vacinação e, em alguns casos, especulam sobre tornar a vacinação obrigatória. Diferentemente do que ocorrera durante a primeira onda, parcelas da população não parecem dispostas a aderir aos esforços governamentais de combate à pandemia. Protestos violentos se multiplicam pelas ruas de Viena, Bruxelas, Haia, Roterdã, Zagreb, Kiev, dentre outras. Os “antivax” entoam cânticos em defesa de sua liberdade individual e acusam seus governos de serem fascistas. Por isso mesmo, cantam com força a música “Bella Ciao” e carregam cartazes com dizeres como “Juntos pela Liberdade”. O ecletismo predomina, unindo pessoas portadoras de símbolos de movimentos como o LGBTQ+ e outras orgulhosas de suas credenciais de radicais de direita.

A Áustria entrou em lockdown de dez dias. Em fevereiro de 2022, a vacinação será obrigatória. Para o governo conservador de Alexander Schallenberg, as liberdades individuais estão em um segundo plano: “In the long term, the way out of this vicious circle we are in — and it is a vicious circle, we are stumbling from wave to lockdown, and that can’t carry on ad infinitum — is only vaccination”. Os novos casos registrados já somam uma média diária superior a 15 mil. Na Bélgica, as restrições ainda não são compulsórias, salvo o uso de máscaras em público. O governo tenta convencer as pessoas a trabalharem em casa pelo menos quatro dias da semana, bem como já anunciou a vacinação de crianças entre cinco e onze anos.

Na Alemanha, os pronunciamentos de Angela Merkel e de seus ministros têm sido particularmente contundentes. Jens Spahn, Ministro da Saúde, afirmou que “... **by the end of the winter everyone will be vaccinated, cured or dead**”. Ele reafirmou a gravidade da disseminação da variante Delta da Covid-19. Em seus últimos dias como a principal liderança europeia, Merkel sinalizou a disposição para implementar medidas duras contra os não vacinados, **com restrição de acesso a lugares públicos**. Para ela, **a quarta onda é “dramática”** e vai atingir o país com “força total”.

Os croatas antivax não deixam dúvidas de suas intenções: exigem a renúncia imediata do primeiro-ministro, Andrej Plenković. Milhares de pessoas gritavam as seguintes palavras de ordem em Zagreb: “Um túmulo é melhor do que ser escravo!”, “Vocês não terão as nossas crianças!”, “Desperta Croácia!”, “As Leis de Deus estão acima de todas as leis!”. **Os países do leste europeu têm taxas de vacinação bem menores do que as observadas no conjunto da Europa** (70% de vacinados, dos quais 67% com imunização completa), oscilando entre 40% e 60% com pelo menos uma dose (Polônia, Estônia, Eslovênia, Eslováquia, Rússia).

Na Ucrânia, a vacinação atinge menos de 30% dos 41 milhões de habitantes. O sistema de saúde está à beira do colapso com a expansão das internações, particularmente as que exigem tratamento intensivo e respiradores artificiais. De acordo com o governo ucraniano, 96% dos internados não receberam nenhuma dose das quatro vacinas disponíveis: Pfizer-BioNTech, Moderna, AstraZeneca e Sinovac. Não faltam recursos originados na ciência e no esforço estatal. Um médico local, Oleksandr Molchanov, sintetizou o quadro atual: **“Nós estamos cansados de enfrentar a doença e a estupidez”**.

As imagens de europeus agradecendo aos profissionais da saúde com aplausos efusivos desde suas sacadas e janelas já é uma memória longínqua. A reação negativa às políticas públicas que constroem as liberdades individuais no contexto da pandemia tem sido crescente, tanto na **Europa**, quanto em outras democracias liberais, como nos casos recentes de **Austrália** e **Nova Zelândia**. Nas regiões menos desenvolvidas do mundo, as dificuldades de acesso às vacinas e demais medidas profiláticas, e a perda de renda e de trabalho, multiplicam-se os focos de insatisfação, com desdobramentos por vezes violentos.

A pandemia dos não vacinados

Pouco mais da metade da população global já recebeu pelo menos uma dose de vacina contra a Covid-19^[1]. Já foram aplicadas 7,7 bilhões de doses, uma por habitante do planeta. Diariamente, vacina-se um contingente equivalente à população da Austrália. Não parecem restar dúvidas de que foram bem-sucedidos os esforços para o desenvolvimento e a produção de vacinas eficazes e seguras, pelo menos até onde as evidências científicas nos autorizam a especular. Ainda assim, o caráter já endêmico da Covid-19 e suas mutações mais agressivas, como a variante Delta, trazem o desafio adicional de reforçar a imunização e de desenvolver uma nova geração de vacinas. Aparentemente, o conceito de imunização completa é tão mutante quanto o próprio vírus. Com isso, o desafio que se renova é o de manter um conjunto de políticas sanitárias que contenham o agravamento da pandemia. E isto, em um contexto em que há uma assimetria profunda na cobertura vacinal: enquanto os países de renda média e alta possuem taxas de vacinação médias (com pelo menos uma dose) superiores a 70%, os países de renda média-baixa (42%) e baixa (5%) ficaram para trás.

Da mesma forma, os **efeitos socioeconômicos da pandemia seguem preocupantes**. As pressões altistas de preços afligem as camadas de baixa renda ao redor do mundo se originam da desorganização nas cadeias produtivas. **As projeções sobre o desempenho em termos de crescimento** do produto e do comércio internacional, e de recuperação do mercado de trabalho, seguem sendo revisadas para baixo. **Os volumes maciços de estímulos monetários e fiscais**, com forte expansão nos balanços dos principais bancos centrais da ordem de **US\$ 12 trilhões desde 2020** e os pacotes de estímulos governamentais de US\$ 17 trilhões evitaram um quadro ainda mais dramático. **Vários dos programas de apoio estão se encerrando ou já foram descontinuados**, sem que o ritmo de expansão da renda tenha voltado aos patamares pré-crise, que já eram insuficientes em muitos países.

O novo surto de Covid-19 já tem sido denominado de a **“pandemia dos não vacinados”**, na medida em que quase a integralidade dos contaminados que apresentam sintomas graves e, por decorrência, são hospitalizados, optaram por não buscar a alternativa da imunização. Nos países de alta renda não faltaram recursos financeiros, tecnológicos e sanitários. O avanço da quarta onda não reflete restrições objetivas, mas os limites da capacidade estatal de mobilizar uma ação coletiva efetiva diante da insatisfação popular. A promessa das democracias liberais foi a de garantir o progresso material e a inclusão plena para os indivíduos. A realidade tem sido oposta. A era da globalização sob a hegemonia neoliberal produziu sociedades mais desiguais e menos coesas. As sucessivas crises, particularmente a financeira (2007-2009) e a pandemia da Covid-19, ampliaram a insegurança individual, **conforme evidenciam os estudos da OCDE**, e potencializaram a percepção de que o sistema não funciona bem para todos. A “rebelião das massas”, tão bem descrita por **Ortega y Gasset**, torna-se menos irracional quando compreendida enquanto uma reação à “rebelião das elites”. Esta, por sua vez, implicou no abandono do compromisso com a democracia por parte dos que detêm poder e riqueza, conforme nos alertou **Christopher Lasch**.

[1] Ou 53,3% na posição de 21 de novembro de 2021. Diariamente são vacinadas 23,4 milhões de pessoas, o que equivale à população da Austrália (25 milhões de pessoas).

📍 INFORMAR ERRO

📁 ANÁLISE: CONJUNTURA NACIONAL E INTERNACIONAL

ARTIGO

